

Movida pela curiosidade de assistir um dos mais importantes eventos sobre fotografia, visitei a cidade de Arles, no sul da França, mês passado. A sensação foi indescritível! Caminhei por ruelas de tons ocre e por ruínas monumentais romanas, datadas do século 1 a.C., e me deparei com várias exposições de fotografias, exibidas em galerias, bares, restaurantes, igrejas e a céu aberto na rua, em praças e parques. Foi como se eu respirasse fotografia.

Les Rencontres d'Arles de la Photographie foi criado há 57 anos por Lucien Clergue, o escritor Michel Tournier e o historiador Jean-Maurice Rouquette com o objetivo de dar visibilidade artística à fotografia, que na época estava fortemente vinculada como um meio documental e comercial. O Festival ocorre sempre no verão, durando cerca de três meses e, no ano passado, atraiu cerca de 175 mil visitantes.

A programação institucional é composta por curadores de destaque e parcerias com galerias e instituições internacionais. Uma das grandes exposições que visitei foi Animal Model, que mostra como os animais vêm sendo representados através de quase dois séculos de fotografia.

A exposição reúne fotógrafos famosos, a citar: o clássico, Elliott Erwitt conhecido por retratar cenas curiosas e originais envolvendo cães; Cartier Bresson, Richard Avedon, Sebastião Salgado e William Talbot, dentre outros que eu não imaginava terem fotografado este tema.

O circuito oficial de exposições é pago em sua maioria e está distribuído em 24 locais, compreendendo museus, fundações e espaços culturais e tem como tema este ano "Des mondes à relire" (Mundos para reler).

No Jardim d'Été, que fica no centro histórico, perto das muralhas de pedra da cidade, a entrada é gratuita. Lá, em meio às árvores frondosas, arbustos e ruínas medievais, está a exposição intitulada Flower Power.

As imagens florais, ampliadas em grande escala, se misturam à paisagem do local. Os trabalhos dos artistas Matei Bejenaru, Suzanne Lafont, Alice Pallot, Anaïs Tondeur e Jiang Zhi estão distribuídos de forma acertada por todo o parque, dando a ideia de harmonia com a vegetação já existente. Apesar da graciosidade das fotografias que podem lembrar outros fotógrafos clássicos que também trataram o assunto, a citar Robert Mapplethorpe ou Irving Penn, os trabalhos exibidos evidenciam visões contemporâneas do tema, problematizando questões políticas e ecológicas.

Na série elaborada em estúdio, o artista romeno Matéi Bejenaru fotografou modelos de plantas artificiais, que foram feitos de papelão e plástico e aparentam uma elegância singular.

Os efeitos da poluição na cultura das flores é abordado nos registros da fotógrafa franco belga Alice Pallot, que contrasta com a beleza do resultado visual das composições. Já a artista francesa Suzanne Lafont traz em suas refinadas composições o que ela chama de "cegueira botânica", plantas e flores desprezadas nos espaços urbanos das cidades.

O conjunto de fotografias expostas no jardim é bem elaborado esteticamente, contudo, por trás do aspecto belo das imagens estão questões cruciais da atualidade: os efeitos ilusórios da aparência.

Coletivo

Paralelo ao circuito institucional, a cidade que foi motivo de algumas obras famosas do pintor Van Gogh, realiza simultaneamente outro festival de fotografia, o Off Arles. Atualmente, organizado pela associação La Kabine, o projeto coletivo visa promover artistas visuais emergentes com o propósito de disponibilizar espaços expositivos para fotógrafos independentes e galerias alternativas que não fazem parte da programação oficial do festival principal.

Nesta edição o evento apresenta cerca de 200 exposições espalhadas em 150 locais e tem como mote "Quando as imagens vão além das margens!". O festival Off ocupa as ruas, bares, pátios e locais inusitados da cidade, oferecendo a oportunidade ao público de visitar



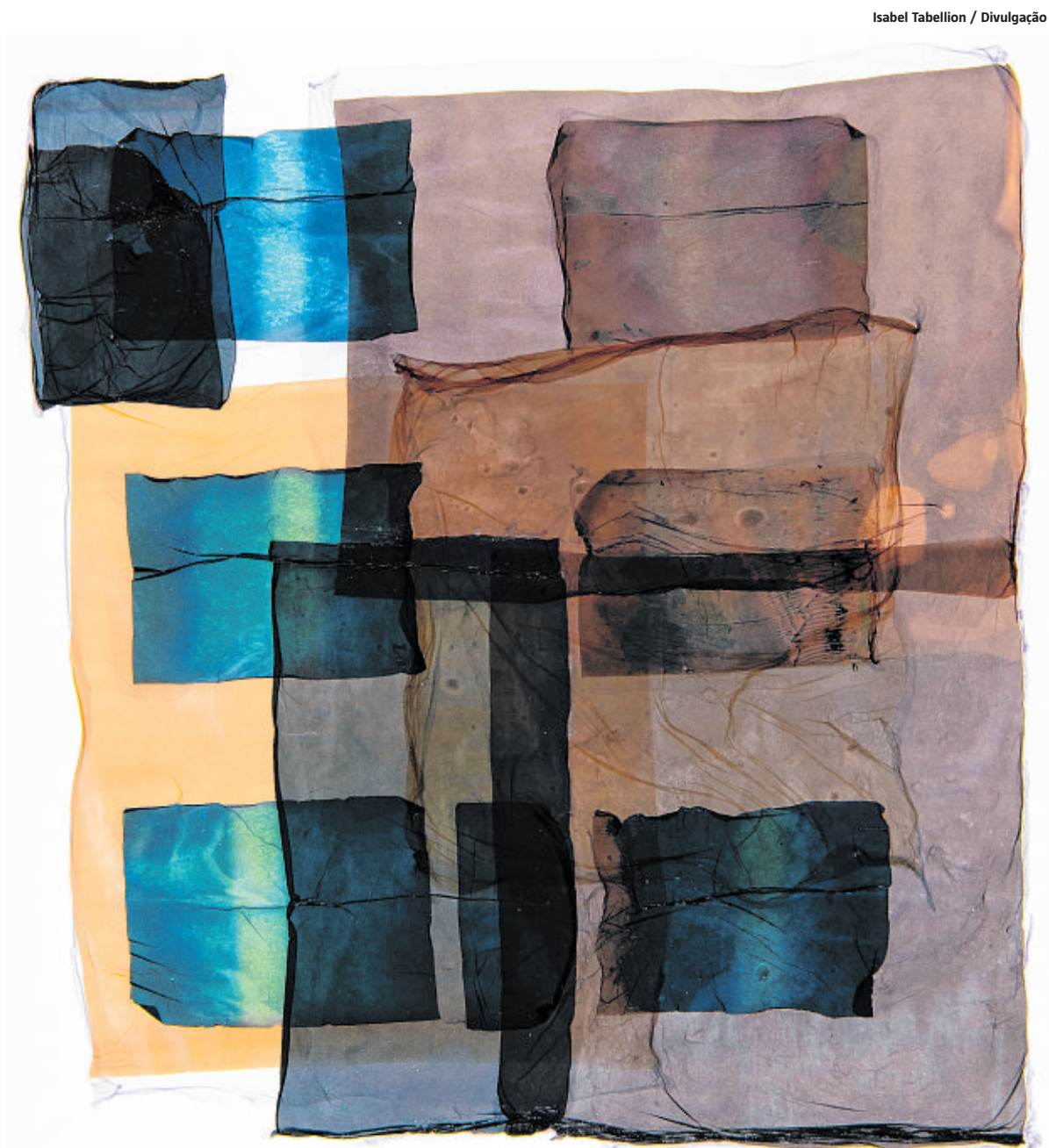
Obras de Matei Bejenaru na exposição Flower Power, no Jardin d'Été



Obra da fotógrafa franco-portuguesa Anne Catherine Nobre, na Galeria Cezar

Respirando fotografia

Um passeio no renomado festival *Os Encontros de Arles da Fotografia*, que está ocorrendo na cidade francesa até outubro



Isabel Tabellion faz experimentações com filmes Polaroid: ressonância interna entre figuração e abstração



O contraste da luz nas composições de Sébastien Hirsch evidencia a influência dos mestres da pintura

gratuitamente as mostras.

História e cultura

O diálogo entre a história e a cultura em Arles é perceptível neste período do ano e fica a pergunta: alguém consegue ver tudo? Passei cinco dias na cidade e visitei muitas exposições deste circuito, em que a

variedade de estilos e técnicas me chamou a atenção. O bacana era que em sua maioria os artistas estavam nas galerias e eu consegui conversar com alguns deles.

A fotógrafa francesa Isabel Tabellion me falou sobre o seu processo experimental que desenvolve há alguns anos com filmes Po-

laroid. Expondo a luz ou não, o que ela explora é a textura dos elementos fotossensíveis da emulsão. Na série apresentada na galeria 51, a subjetividade dos tons pastéis lembram uma pintura. Hoje, devido à ausência da fabricação de filmes polaroid, a artista adquire o material em sites na internet. Ela

ainda declara que não busca documentar a realidade, mas oferecer uma ressonância interna entre figuração e abstração.

Na igreja de Saint-Julien d'Arles, nos estilos clássico e gótico tardio, vi a exposição do fotojornalista independente Adrien Vautier sobre a guerra da Ucrânia. Desde o começo do conflito, em 2022, o fotógrafo vem documentando as perdas e sofrimento do povo ucraniano com a guerra. As fotografias provocam impacto e quando expostas dentro de uma igreja ganham uma carga emocional maior.

Já na galeria Cezar tive uma surpresa, conheci a fotógrafa franco-portuguesa Anne Catherine Nobre, e lá estava uma exposição coletiva sobre fotografia de rua. O trabalho de Anne Catherine é bastante interessante, versa sobre a Nomofobia que significa o medo irracional ou pavor de ficar sem o telefone celular, de perder o sinal de internet ou de ficar com a bateria descarregada.

Seu trabalho surgiu quando passou mais de um ano no sudeste asiático e visitou a Tailândia, Vietnã, Camboja e Hong Kong. Selecionada para o Leica Tour em 2025, ela fala que sua motivação em fotografar a realidade não permite nenhuma intervenção na cena escolhida, que busca o gesto da presença. Com formação em audiovisual, a artista diz que quando fotografa recorre a todos elementos que moldaram sua visão. Mesmo utilizando, na maioria das vezes, uma lente de 28mm, grande angular. Ela se aproxima de seus modelos e consegue capturar no ato fotográfico expressões espontâneas e significativas de cenas dos retratados fixados em seus celulares.

Sobre a divisão do festival em dois circuitos, Anne Catherine não acredita que a base da separação seja a qualidade das obras, e sim os níveis de acesso, reconhecimento e visibilidade. "O desafio reside em criar mais pontes entre esses mundos e evitar o erro de equiparar o valor de uma obra ao poder do circuito que a apresenta", afirma.

Na mesma galeria, mais dois fotógrafos interessantes: Yves Auboyer e Sébastien Hirsch, ambos franceses e interessados no lugar criativo, dos momentos inesperados, que oferecem "a rua". A série de Yves Auboyer, em preto e branco, revela um olhar contemporâneo da fotografia humanista. De maneira instintiva, ele percebe o espaço urbano revelando e ocultando sutilmente o potencial imagético deste universo.

Com Sébastien Hirsch, o contraste da luz em suas composições deixa claro sua influência com os mestres da pintura. "Gosto quando a sombra envolve a vida cotidiana para torná-la misteriosa. É nesse contraste que o comum muda: a luz vem esculpir uma cena banal para transformá-la em um momento de cinema, uma imagem suspensa entre o real e o imaginário", afirma. Suas fotografias instigantes são potentes e cheias de poesia.

Finalizando, a essência de um festival é reunir pessoas em torno de um interesse em comum, e com a fotografia a ideia não é diferente. Contudo, na atualidade, com a influência da cultura virtual, se faz necessário pensar sobre incentivos para a criação de novos festivais na área no sentido de valorização de trocas presenciais e encontros com a própria materialidade física da fotografia.

*O CONTEÚDO ASSINADO E PUBLICADO NA COLUNA OLHARES NÃO EXPRESSA, NECESSARIAMENTE, A OPINIÃO DE A TARDE